

BANHEIROS, BASTIDORES E UM MANTO-MANIFESTO: PICHAÇÃO E BORDADO COMO INSTRUMENTOS DE RESISTÊNCIA FEMININA

TOILETS, HOOPS AND A MANIFESTO CLOAK: GRAFFITI AND EMBROIDERY AS TOOLS OF WOMEN RESISTANCE

Daniela de França Macedo¹
Emerson Silva Meneses²

RESUMO: Com o objetivo de evidenciar e colocar em perspectiva histórica o papel da pichação e do bordado como meios de expressão política feminina, o artigo se desenvolve em três partes. A primeira enfoca a pichação (em especial a pichação em banheiros) como meio de expressão e posicionamento político de mulheres na contemporaneidade. A segunda faz o mesmo com o bordado, uma arte manual tradicionalmente ligada ao feminino, que nas últimas décadas também vem sendo dotada de caráter político. Por fim, relata-se um experimento artístico: a produção de um manto-manifesto, criado coletivamente por mulheres de diferentes estratos sociais, raças e orientações sexuais, que integra a linguagem da pichação e a do bordado como meio de expressão política.

PALAVRAS-CHAVE: Pichação; Bordado; Gênero; Arte política; Experimento artístico.

ABSTRACT: With the aim of highlighting and putting into historical perspective the role of graffiti and embroidery as means of female political expression, the paper is divided into three parts. The first focuses on graffiti (especially graffiti in restrooms) as a form of expression and political positioning for women in contemporary times. The second does the same with embroidery, a manual art traditionally associated with women, which in recent decades has also acquired political status. Finally, an art experiment is reported: the production of a manifesto-cloak, created collectively by women of different social strata, races and sexual orientations, which integrates the language of graffiti and embroidery as a means of political expression.

KEYWORDS: Graffiti; Embroidery; Gender; Political art; Artistic experiment.

¹ Graduanda em Design de Moda (Centro Universitário Senac). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6183-1864> E-mail: danieladefranca01@gmail.com

² Doutorado em Mudança Social e Participação Política (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1788-5111> E-mail: emer.meneses@gmail.com



10.23925/2176-4174.35.2025e71777

Recebido em: 23/05/25.

Aprovado em: 16/06/25.

Publicado em: 16/06/25.

Introdução

A pichação e o bordado, apesar das evidentes diferenças que guardam entre si enquanto manifestações artísticas, têm em comum o fato de terem ganhado força, nas últimas décadas, como meios de expressão política feminina. São dois meios pelos quais mulheres compartilham histórias, mensagens de incentivo e, muitas vezes, encontram acolhimento e sororidade.

Sem exclusão de outros locais em que também pode ser praticada, a prática feminina da pichação encontra em banheiros públicos condições particularmente propícias. Nesses espaços a produção de grafismos atua como "forma de comunicação e expressão subversiva", como descrevem Natália Ferreira Damião e Renata Plaza Teixeira (Damião e Teixeira, 2009, p. 3). Esse ambiente íntimo e exclusivamente feminino incentiva a reflexão e a troca de ideias, angústias e denúncias.

O bordado, por sua vez, é uma arte tradicionalmente associada ao feminino que, nas últimas décadas, tem sido revigorada por movimentos feministas. Atualizado em sua proposta política, ele vem sendo empregado para bordar motivos e frases de cunho político. Um exemplo notável é o trabalho da ativista estadunidense Beryl Weaver, em meados da década de 1970. Sua obra, que combina elementos do século XVIII com símbolos feministas e mensagens encorajadoras, explora a potência do gênero feminino.

As duas formas de manifestação, em suma, vêm sendo crescentemente reconhecidas como meios de expressão política. Este artigo, fruto do trabalho de conclusão de curso em Design de Moda da primeira autora, orientada pelo segundo, busca evidenciar essa característica comum, explorando e colocando em perspectiva as similaridades que elas guardam entre si.

Para tanto, o artigo se desenvolve em três partes, ou seções principais. A primeira aborda a pichação (em especial a pichação em banheiros) e destaca a sua prática como meio de expressão e posicionamento político de mulheres na contemporaneidade. A segunda faz o mesmo com o bordado, explorando o uso político que lhe foi dado por artistas de diferentes épocas, como a estilista Zuzu Angel e as artistas plásticas Rosana Paulino e Karen Dolorez. A última seção relata a concepção e execução de um manto-manifesto, proposto como materialidade que integra o bordado e a pichação: um artefato criado coletivamente, construído com a participação de mulheres de diferentes estratos sociais, em que as duas linguagens se fundem.

1. Pichação em banheiros femininos como forma contemporânea de expressão política

A pichação em banheiros vem recebendo atenções de pesquisa no Brasil há algum tempo – vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Teixeira e Otta (1998) e de Damião e Teixeira (2009). Este último estudo, a partir de uma catalogação de quase 1000 inscrições coletadas em instituições de ensino superior, apurou que, nos banheiros femininos, as pichações eram predominantemente associadas às categorias temáticas do romantismo (com 12,4% das pichações catalogadas), religião (9,9%) e filosofia (4,5%). Inscrições como "Jesus te ama", "Flávio te amo" e "Temos que ser felizes hoje e não adiar a felicidade para o futuro" foram apontados como exemplos típicos (Damião e Teixeira, 2009, p. 6-7).

Passados mais de quinze anos depois da publicação desse estudo, o cenário parece ter mudado, com o crescimento de inscrições de teor feminista, como evidenciado por registros fotográficos realizados desde 2016 pela primeira autora do presente artigo em diversos banheiros públicos de São Paulo. Hoje são vistas, com muito mais frequência do que naquela época, frases de identificação e reflexão sobre assuntos importantes entre mulheres.

Fotografias criadas pela autora, como a tirada em um bar no bairro de Santa Cecília, São Paulo, em julho de 2024 (figura 1), ilustram essa mudança. Em meio a desenhos coloridos e intervenções como "Naiara gostosa", destacava-se a inscrição "Você é incrível, a sociedade que é uma merda" – que ressalta como a autoconfiança feminina pode ser minada pelas normas sociais – seguida da *hashtag* "#nãoénião",

uma palavra de ordem feminista que combate o assédio sexual e a violência de gênero.

Figura 1- Pichação em banheiro feminino com inscrições convidativas à reflexão.



Fonte: foto da autora, 2024.

Em outra imagem do mesmo banheiro, outras frases de crítica social e fortalecimento feminino aparecem, como "Coisas bonitas ainda acontecem" e "Eu não tenho medo de me curar" (figura 2).

Figura 2- Pichação em banheiro feminino com inscrições convidativas à reflexão.



Fonte: foto da autora, 2024.

Em outro registro, na região da avenida Faria Lima, lê-se frase: "Você é capaz, mulher!", em letras chamativas, na parte superior da porta, acompanhada de outras frases motivacionais, reforça o incentivo à sororidade – algo que se tornou comum nos banheiros hoje em dia.

Além disso, a pichação em uma porta, no banheiro de um bar no centro de São Paulo, próximo à Praça Roosevelt (figura 3), serve como ao mesmo tempo como depoimento e exemplificação. Vê-se nela a participação da primeira autora deste artigo, ao escrever "Dani011" com caneta dourada, ao lado das assinaturas de outras mulheres. Assinar a fez sentir-se vista e participante daquele espaço político, voltado à troca e ao fortalecimento mútuo.

Figura 3- Pichações em banheiro feminino com assinaturas.



Fonte: foto da autora, 2024.

Vê-se assim como espaços de pichação em banheiros femininos se tornam locais de desconstrução patriarcal, incentivando elos reais ou simbólicos entre as mulheres e propiciando a troca, o apoio e o acolhimento por meio de frases importantes. Como afirma bell hooks³ (2019, p. 79), "fomos ensinadas que nossas relações umas com as outras não nos enriquecem, mas pelo contrário, deixam-nos ainda mais pobres. [...] Precisamos aprender a viver e trabalhar em sororidade". A

³ O nome de bell hooks é grafado em minúsculas por escolha política da autora, que o usa assim para dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

observação desses grafites demonstra uma colaboração feminina que fortalece a solidariedade política.

O anonimato das frases e das histórias contadas nos banheiros potencializa a sensação de olhares semelhantes cruzando-se, e conecta as mulheres que criam e/ou apreciam o que é ali exposto. A imagem, como afirma Georges Didi-Huberman, é feita não apenas de sentidos, mas também de "sintomas", produzindo ao mesmo tempo "ruptura dentro do saber" e "ruptura dentro do caos" (Didi-Huberman, 2012, p. 134). O efeito esperado é que, por meio desses registros interpessoais, o fortalecimento mútuo e a sororidade se espalhem, alcançando um público cada vez mais amplo.

2. O que veio antes: moda e bordado como ferramentas de expressão política

A moda também tem sido um poderoso veículo para as mulheres expressarem suas insatisfações, denúncias e buscas por autonomia em contextos políticos, sociais e culturais. A maneira como as mulheres se vestem hoje é reflexo de sua luta por igualdade e liberdade, buscando "repensar acerca do seu próprio vestir através do seu próprio olhar, deixando de lado o olhar objetificado que se penetra e perpetua desde os níveis basilares da sociedade capitalista e patriarcal" (Lamartine, 2021).

O bordado, uma arte manual historicamente associada ao feminino e transmitida de geração a geração (Borges e Melo, 2021) não é exceção a esse processo, e também tem ganhado significado político com o tempo. Como destacam Fernanda Cintra e Cristiane Mesquita (2021), entre as manifestações de descontentamento com injustiças de gênero surgidas no século XX, algumas delas se deram "por meio de banners bordados" (Cintra e Mesquita, 2021, p. 8). As autoras citam como um emblemático exemplo histórico os banners produzidos por mulheres do movimento sufragista inglês, na década de 1900 – como o da figura 4, que carrega a inscrição: "Lembre-se: os *homeless* e suas irmãs exigem votos".

Figura 4- Banner bordado com mensagem política (1908).



Fonte: Acervo do Museu de Londres (imagem reproduzida de Cintra e Mesquita, 2021, p. 9).

Na década de 1970, com a segunda onda feminista, o bordado político floresceu, herdando traços dos movimentos contraculturais dos anos 1960. Enquanto os *hippies* produziam bordados com temas emocionais e individualistas, as feministas mostravam que suas expressões pessoais eram também políticas, entendendo que "a vida pessoal e doméstica é tanto produto das instituições e ideologias da nossa sociedade quanto a vida pública" (Cintra e Mesquita, 2021, p. 9-10). Assim, seus bordados criticavam os valores predominantes e incentivavam as mulheres a desenvolverem seu poder pessoal e voz de indignação.

Esta tendência reverberou no Brasil, e nesse contexto destacamos três artistas brasileiras – Zuzu Angel, Rosana Paulino e Karen Dolorez – que fizeram ou fazem uso das artes têxteis e do bordado com claras intenções políticas e de ativismo artístico.

2.1. Zuzu Angel: Moda e bordado como resistência à ditadura

Um dos mais emblemáticos exemplos de moda política no Brasil foi protagonizado por Zuzu Angel (1921-1976), estilista mineira que se tornou referência na moda autoral nacional. Na década de 1960, sua carreira demonstrava uma postura ousada e libertária, como evidenciado por sua coleção *Fashion and Freedom* (Moda

e Liberdade), de 1967, que buscava vestir "mulheres libertas das amarras do passado" (Prado e Braga, 2011, p. 360).

A maior jornada ativista de Zuzu Angel começou em 1971, com o desaparecimento de seu filho, Stuart Angel Jones (1946-1971), durante a ditadura civil-militar brasileira. Sem outros meios de reivindicar o paradeiro do filho devido à repressão política e a censura, Zuzu decidiu usar a moda como forma de protesto. Em setembro de 1971, lançou a coleção *International Dateline Collection III - Holyday and Resort*, que, em vez de cores alegres, estampava e bordava pássaros engaiolados, tanques, quepes, balas de canhão, pombas negras e anjos mortos (Prado e Braga, 2011). A técnica era o bordado manual, em estilo naïf, com formas ingênuas e traços coloridos, porém remetendo à prisão, tortura e silenciamento sofridos por Stuart (figura 5), como observam Cintra e Mesquita (2020).

Figura 5- Zuzu Angel ajustando vestido de sua coleção política de 1971.



Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel⁴.

Em janeiro de 1972, a coleção-denúncia foi continuada com *International Dateline Collection IV - The Helpless Angel*, apresentada também em Nova York, consolidando sua identidade política e ampliando sua gama de produtos. A morte de

⁴ Reproduzido de: <https://www.zuzuangel.com.br/documental/fotografia-de-zuzu-angel-ajustando-vestido-do-protesto-politico>. Acesso em: 16 mai. 2025

sua nora, Sônia Maria Moraes Angel, no mesmo ano, intensificou o engajamento de Zuzu Angel, que usava seu ofício como terapia e pretexto para denunciar a ditadura. Sua morte, em 1976, inicialmente atribuída a um acidente de carro, foi posteriormente investigada como um assassinato político, reafirmando o legado de sua moda-manifesto.

2.2. Rosana Paulino: bordados que suturam feridas

A artista brasileira Rosana Paulino (São Paulo, 1967), mulher negra, utiliza a arte têxtil e os bordados como forma de protesto e ativismo, dando vida a obras que abordam temas como violência, racismo, sexo e feminilidade. Doutora em Artes Visuais e especialista em gravura, Paulino combina elementos e técnicas artísticas de forma versátil, utilizando a técnica da costura, aprendida na infância, e a da transferência de fotografias sobre tecido (Piccoli e Nery, 2018).

Paulino ressignifica objetos cotidianos, muitas vezes ligados ao universo feminino, tornando-os partes essenciais de suas obras. Ao trazer elementos do universo doméstico, como o bastidor e o bordado, ela discute as violências sofridas pelas mulheres no ambiente do lar (Alves e Silveira, 2018). Os tecidos suturados em suas obras não apenas carregam o simbolismo familiar da técnica, mas também o peso visual que Paulino busca transmitir, indo além do que os olhos veem. Como observam Marques e Myczkowski (2015), os fios e tecidos são ferramentas para questionar os imaginários sobre o feminino e ressignificar os locais simbólicos e sociais das mulheres, especialmente as mulheres negras, que ainda carregam o estigma da escravidão. A costura, em suas obras, assume o sentido de repressão e violência velada.

A arte de Paulino se nutre de suas vivências familiares e de problemas sociais de raça e gênero, abordando a experiência negra e feminina (Tvardovskas, 2010). Em sua obra *Bastidores*, de 1997 (figura 6), a artista expõe a invisibilidade da mulher negra na sociedade. Ela utiliza bastidores de bordado para retratar a opressão e as agressões sofridas por essas mulheres em espaços domésticos, muitas vezes camufladas (Tvardovskas, 2010).

Figura 6- Obra Sem título, 1997 da série Bastidores, Rosana Paulino.



Fonte: Pinacoteca do Estado⁵.

A artista também emprega o bordado e suas costuras marcantes para construir mosaicos com imagens impressas digitalmente sobre o tecido (figura 7). Suas obras subvertem a delicadeza esperada do bordado para evidenciar a violência sobre os sentidos das mulheres, que são impedidas de falar, olhar e pensar, escancarando os corpos domesticados e as relações de poder veladas (Marques e Myczkowski, 2015, p. 97).

⁵ Reproduzido de: https://www.mtp2023.net/wp-content/uploads/2023/09/AF_ROSANAPaulino_18.pdf . Acesso em: 4 abr. 2025.

Figura 7- *A permanência das estruturas*, 2017, Rosana Paulino.



Fonte: fotografia da autora de obra exposta na Pinacoteca do Estado, 2024.

A obra de Rosana Paulino, ao suturar as feridas históricas do feminino e do negro, revela a complexidade das relações de poder e a persistência de estruturas que buscam silenciar corpos e vozes – e o bordado tem um papel central nisso.

2.3. Karen Dolorez: arte têxtil como ato político

Karen Dolorez, artista visual brasileira, utiliza o têxtil e, principalmente, a técnica da tapeçaria em seus trabalhos, abordando questões sensíveis como memória, violência de gênero e a fragilidade do corpo. Nascida em 1976, sua produção artística se destaca pela delicadeza dos materiais e pela força das narrativas que evoca por meio de fios e bordados. A escolha do têxtil, material historicamente ligado ao universo feminino e ao trabalho manual, não é fortuita: Dolorez o utiliza para subverter expectativas e escutar experiências muitas vezes silenciadas.

Suas obras frequentemente apresentam corpos fragmentados ou órgãos internos, bordados ou tecidos com minúcia. Essa representação visceral do corpo convida à reflexão sobre a vulnerabilidade física e emocional, especialmente no contexto das relações de gênero (figura 8).

Figura 8- Obra de Karen Dolorez com bordado de coração e uma pergunta.



Fonte: Blog Pingouin⁶.

A artista explora, ainda, a memória individual e coletiva dos traumas e as marcas deixadas pela violência, propondo o ato de bordar como forma de cura e de resistência. Suas tapeçarias combinam diferentes texturas e cores, criando composições que oscilam entre a beleza e o estranhamento. Os fios se entrelaçam para formar imagens poéticas e ao mesmo tempo perturbadoras, que confrontam o espectador com a realidade da violência e a complexidade feminina (figura 9).

Figura 9- Obra de Karen Dolorez com bordado de coração e uma pergunta.



Fonte: Blog Pingouin⁷.

⁶ Reproduzido de: <https://blog.pingouin.com.br/karen-dolorez-forma-poderosa-de-expressao/>. Acesso em 17 abr. 2025.

⁷ Reproduzido de: <https://blog.pingouin.com.br/karen-dolorez-forma-poderosa-de-expressao/>. Acesso em 17 abr. 2025.

A lentidão e a repetição, inerentes à técnica do bordado e da tapeçaria, se tornam um ato político, um contraponto à velocidade e à superficialidade do mundo contemporâneo, permitindo um tempo de elaboração e de contemplação das questões abordadas.

A sensibilidade presente nas obras de Karen Dolorez não a torna menos política; ao contrário, é nessa delicadeza que reside sua força. Ela utiliza a linguagem da vulnerabilidade para tocar em feridas sociais profundas, convidando à empatia e à conscientização. Seus trabalhos são um testemunho da capacidade da arte têxtil de transcender o decorativo e se tornar um veículo poderoso de expressão política.

3. Um manto-manifesto, síntese de bordado e pichação

Dando continuidade à nossa discussão sobre a potência expressiva das pichações femininas e do bordado como ferramenta política, passamos a relatar um experimento artístico idealizado pelos autores: o desenvolvimento de um manto bordado que visa materializar mensagens encontradas nos banheiros públicos de São Paulo. O processo de criação começou com a documentação fotográfica de inscrições presentes em banheiros femininos. O passo seguinte foi fazer uma seleção dentre as pichações documentadas, buscando privilegiar mensagens de incentivo, sororidade e afirmações de força e autonomia feminina. A diversidade de estilos e temas das pichações encontradas refletiu a pluralidade das vozes femininas presentes nesses espaços.

Em seguida, a técnica de bordado manual foi utilizada como o meio de concretização dessas mensagens, em diálogo direto com a tradição do bordado como forma de expressão feminina e sua revitalização no contexto dos movimentos feministas contemporâneos. A materialidade do bordado, com suas texturas e cores, adiciona uma camada de significado às frases, tornando-as palpáveis e visíveis de uma nova maneira.

O formato escolhido para essa materialização foi o de um manto coletivo, construído com a participação de mulheres de diferentes estratos sociais, cujos relatos e vivências foram compartilhados em rodas de conversa. Frases e desenhos recolhidos dos banheiros foram reproduzidos a tinta, com o uso de canetas e tubos de *spray*, em um tecido de algodão cru, de cinco metros de comprimento por 1,75 de

largura, com a participação de vinte e cinco mulheres de diferentes estratos sociais, raças e orientações sexuais, reunidas no campus Santo Amaro do Centro Universitário Senac (figura 10). As colaboradoras ofereceram suas perspectivas, ao mesmo tempo em que contribuíram para a confecção do manto. Esse processo colaborativo reforçou a ideia de união e sororidade que permeia as pichações nos banheiros femininos.

Figura 10- Mulheres participam da elaboração do manto-manifesto.



Fonte: fotografias dos autores.

O passo seguinte da confecção do manto consistiu em bordar sobre algumas das inscrições feitas pelas colaboradoras, e transformar a peça de tecido em um manto vestível (figura 11). O manto-manifesto resultante, em sua materialidade, representa a união das vozes e a força coletiva das mulheres. Cada inscrição – originalmente pichada em banheiros, posteriormente transferida ao manto e bordada sobre ele – é um testemunho de uma experiência ou uma reflexão compartilhada. A escolha do manto como suporte evoca, simbolicamente, as ideias de proteção, acolhimento e poder.

Figura 11- O manto-manifesto em fase de execução.



Fonte: fotografias dos autores.

A peça resultante busca, enfim, resumir todo o trajeto percorrido, desde a observação e registro das pichações até a sua materialização por meio da pichação e do bordado no manto produzido coletivamente. Cada ponto e cada linha bordada serão um elo entre a mulher que pichou, a mulher que bordou e a mulher que, física ou simbolicamente, veste o manto.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, exploramos a interconexão entre o bordado e a pichação como formas de expressão feminina e feminista ao longo da história. A análise das pichações em banheiros públicos sugere que esses espaços íntimos têm se tornado plataformas de comunicação, ainda que anônima, onde mulheres compartilham suas experiências e constroem laços de solidariedade.

O bordado, historicamente associado ao feminino, como visto também ressurgiu como uma poderosa ferramenta de ativismo, permitindo que as mulheres inscrevassem suas reivindicações e mensagens de resistência em tecidos. Os exemplos de Zuzu

Angel, Rosana Paulino e Karen Dolorez demonstram a capacidade da arte têxtil de transcender o estético e se tornar um veículo de denúncia, memória e transformação social.

O processo colaborativo de criação do manto visou fortalecer a rede de solidariedade entre mulheres, conectando suas histórias e experiências por meio de uma linguagem que integra a da pichação e a do bordado. Com isto, a pesquisa indica que a moda, longe de ser apenas um sistema de consumo, pode ser um campo fértil para a expressão política e a construção de identidades engajadas. Ao unir a efemeridade das pichações com a permanência do bordado, criamos novas formas de comunicação e resistência no espaço público.

Acreditamos que esta investigação contribui para ampliar a compreensão das manifestações femininas na sociedade contemporânea, destacando a importância dos espaços normalmente não associados à política, como os banheiros públicos, e a potência das artes manuais como o bordado, na construção de narrativas conjuntas de resistência e empoderamento feminino.

Referências

ALVES, Bruno Oliveira; SILVEIRA, Luciana Martha. Os deslocamentos de sentido na série Bastidores, de Rosana Paulino. **Anais do III Colóquio de Fotografia da Bahia**, Salvador v. 1, 2019. Disponível em:

<http://www.coloquiodefotografia.ufba.br/os-deslocamentos-de-sentido-na-serie-bastidores-de-rosana-paulino/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BORGES, Amanda Santos; MELO, Paula Reis. Bordado, Empoderamento Feminino e Redes Sociais: uma análise sobre o “Clube do Bordado”. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, João Pessoa, 2022.

Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202209425462d7f84e0e9f2.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

CINTRA, Fernanda do Nascimento; MESQUITA, Cristiane Ferreira. Design, bordado e resistência: entre Zuzu Angel e Linhas de Sampa. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 16, 2021, p. 1-6. DOI: <https://doi.org/10.5965/18083129152021e0019>.

CINTRA, Fernanda do Nascimento; MESQUITA, Cristiane Ferreira. Design e resistência: bordados nas molduras do Coletivo Linhas de Sampa. **DAT Journal**, São Paulo, v. 5 n. 2, 2020, p. 355–374. DOI: <https://doi.org/10.29147/dat.v5i2.212>

DAMIAO, Natália Ferreira e TEIXEIRA, Renata Plaza. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer?. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61 n. 2, 2009, pp.1-10.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2019.

LAMARTINE, Camila. Feminismo e moda como protesto: a cor preta no Globo de Ouro de 2018. **Revista 2i: Estudos de Identidade e Intermedialidade**, Braga (Portugal), v. 3, n. 3, 2021, p. 37-52. DOI: <https://doi.org/10.21814/2i.3163>

MARQUES, Tatiana Lee; MYCZKOWSKI, Rafael Schultz. Identidade tecida: Rosana Paulino costurando os sentidos da mulher negra. **Estúdio**, Lisboa, v. 7 n. 13, 2016, p. 95-103.

PICCOLI, Valéria; NERY, Pedro. **Rosana Paulino**: a costura da memória. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.mtp2023.net/wp-content/uploads/2023/09/AF_ROSANAPaulino_18.pdf. Acesso em: 3 abr. 2025.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da Moda no Brasil**: das influências às autorreferências. São Paulo: Disal, 2011.

TEIXEIRA, Renata Plaza; OTTA, Emma. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n.2, p 229-250, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200004>

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Rosana Paulino: “é tão fácil ser feliz?”. **Gênero**. Niterói, v. 10, n. 2, 2010, p. 235-256. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v10i2.25>.